

O PODER HUMANIZADOR DA FICÇÃO

Andressa Teixeira Pedrosa Zanon (IFF-UENF)
andressa.pedrosa@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)
elinafff@gmail.com

RESUMO

O *Homo sapiens* foi protagonista de três grandes revoluções que alteraram profundamente a forma de se relacionar com o ambiente e com os seus companheiros, a saber, a Revolução Cognitiva, há 70 mil anos; Revolução Agrícola, há 12 mil anos e, por fim, a Revolução Científica, que começou há 500 anos. A Revolução Cognitiva é a que mais nos interessa, na medida em que tentamos entender de que maneira o ser humano tornou-se esse complexo linguístico, cultural e social. As teorias históricas mais recentes mostram que não havia nada de especial nos humanos, pois as outras espécies contemporâneas apresentavam comportamentos bastante semelhantes aos seus. O mais relevante a considerar sobre os humanos pré-históricos é que eles eram animais insignificantes, que não impactavam o ambiente mais do que qualquer outra espécie com que convivia. O desenvolvimento de uma linguagem complexa foi o diferencial da espécie humana, uma vez que outras espécies também apresentam algum tipo de linguagem, menos interativa e menos complexa. Essa capacidade de criar interações mais específicas permitiu que não só se apresentasse a localização exata de um leão, como também a criação de estrutura interacionais mais eficientes. Nosso crescimento na escala predatória foi rápido e preciso e o desenvolvimento da ficção foi a situação que proporcionou o império dos *Homo sapiens* frente as demais espécies.

Palavras-chave:

Ficção. Humanização. Literatura.

Entender o ser humano, em sua complexidade e mutabilidade, requer esforços constantes engeados pelos estudiosos de diferentes tempos, nas mais variadas áreas de conhecimento. Muito intriga e instiga os pesquisadores a entender de que maneira os humanos organizaram-se durante o decorrer dos séculos, de que modo se instituíram, como estabeleceram organização social, cultural e linguística eficientes. Todos esses questionamentos movem investigações que se prestam a justificar como a vida como entendemos hoje foi possível.

Nos estudos da linguagem, língua e literatura isso não é diferente. Estamos preocupados em entender quando e de que modo os homens deram passos definitivos para consolidar essa complexidade comunicativa vista por nós. Para vislumbrar esse caminho evolutivo da espécie humana temos que nos remeter aos primórdios de sua existência, a fim de compreender al-

guns aspectos.

O *Homo sapiens* foi protagonista de três grandes revoluções que alteraram profundamente a forma de se relacionar com o ambiente e com os seus companheiros, a saber, a Revolução Cognitiva, há 70 mil anos; Revolução Agrícola, há 12 mil anos e, por fim, a revolução Científica, que começou há 500 anos.

A Revolução Cognitiva é a que mais nos interessa, na medida em que tentamos entender de que maneira o ser humano tornou-se esse complexo linguístico, cultural e social. As teorias históricas mais recentes mostram que não havia nada de especial nos humanos, pois as outras espécies contemporâneas apresentavam comportamentos bastante semelhantes aos seus. O mais relevante a considerar sobre os humanos pré-históricos é que eles eram animais insignificantes, que não impactavam o ambiente mais do que qualquer outra espécie com quem convivia.

Por causa de nossa superioridade perante os outros animais, tendemos a pensar que sempre fora assim na convivência com as demais espécies, o que é desmontado pelos estudos históricos e arqueológicos. Não é confortável que uma espécie socialmente superior admita que essa coexistência de iguais possa ter sido possível em algum momento da história da evolução humana:

O *Homo sapiens* guardou um segredo ainda mais perturbador. Não só temos inúmeros primos não civilizados, como um dia também tivemos irmãos e irmãs. Costumamos pensar em nós mesmos como os únicos humanos, pois, nos últimos 10 mil anos, nossa espécie de fato foi a única espécie humana a existir. Porém, o verdadeiro significado da palavra humano é “animal pertencente ao gênero Homo”, e antes havia várias outras espécies desse gênero além do *Homo sapiens* (...) Os humanos na Europa e na Ásia Ocidental deram origem ao *Homo neanderthalensis* (“homem do vale do Neander”), popularmente conhecidos como “neandertais” (...) As regiões mais ocidentais da Ásia foram povoadas pelo *Homo erectus*, “Homem ereto”, que sobreviveu na região por quase 1,5 milhão de anos, sendo a espécie humana de maior duração (...) Na ilha de Java, na Indonésia, viveu o *Homo soloensis*, “homem do vale do Solo”, que estava adaptado para a vida nos trópicos. Em outra ilha indonésia – a pequena ilha de Flores –, humanos arcaicos passaram por um processo que levou ao nanismo. Com o passar das gerações, as pessoas de Flores se tornaram anãs. Essa espécie única, conhecida pelos cientistas como *Homo floresiensis*, chegava uma altura máxima de apenas um metro e pesava não mais de 25 quilos (...) Em 2010, outro irmão perdido foi resgatado do esquecimento, quando cientistas, escavando a caverna de Denisova, na Sibéria, descobriram um osso de dedo fossilizado. A análise genética comprovou que o dedo pertencia a uma espécie humana até então desco-

nhecida, que foi denominada *Homo denisova*. Sabe-se lá quantos de nossos parentes perdidos estão esperando para serem descobertos em outras cavernas, em outras ilhas e em outros climas. Enquanto esses humanos evoluíam na Europa e na Ásia, a evolução na África Oriental não parou. O berço da humanidade continuou a nutrir numerosas espécies novas, como o *Homo rudolfensis* (“homem do lago Rudolf”), o *Homo ergaster* (“homem trabalhador”) e, finalmente, nossa própria espécie, que, sem modéstia alguma, denominamos *Homo sapiens* (“homem sábio”). (HARARI, 2017, p. 17 - 19)

Na maioria das vezes, essas espécies são apresentadas em uma linha de evolução serial, o que oferece uma falsa percepção de que esses *homo*-são evoluções sequenciais de uma espécie menos para uma mais evoluída, mas os estudos arqueológicos apontam que essas espécies conviveram no mesmo espaço de tempo, o que revoga essa ideia de sequência lógica e direta de evolução, “Esse modelo linear dá a impressão equivocada de que, em determinado momento, apenas um tipo de humano habitou a Terra e de que todas as espécies anteriores foram meros modelos mais antigos de nós mesmos” (HARARI, 2017, p. 20). Apesar dessa consideração equivocada, é sabido que o mundo foi habitado por várias espécies humanas ao mesmo tempo. Essa variabilidade de espécies é comum, vemos várias espécies de raposas, de ursos e de outros animais, por que motivo, então, consideraríamos ser exclusivos em todos os momentos de existência “É nossa exclusividade atual, e não a multiplicidade de espécies em nosso passado, que é peculiar – e, talvez, incriminadora” (HARARI, 2017, p. 20).

Se existiram várias espécies, conforme provam as pesquisas arqueológicas, então como nossa exclusividade e superioridade pode ser imposta perante os demais humanos, como fomos capazes de nos sobressair nas disputas por espaço, comida e dominação? A biologia humana pode ter sido uma característica peculiar responsável por essa dominação, os *homopossu*-íam cérebros grandes, que ofereciam capacidades cognitivas mais satisfatórias para uma dominação, mas traziam junto algumas desvantagens:

O fato é que um cérebro gigante é extremamente custoso para o corpo. Não é fácil de carregar, sobretudo quando envolvido por um crânio pesado. É ainda mais difícil de abastecer. No *Homo sapiens*, o cérebro equivale a 2 ou 3% do peso corporal, mas consome 25% da energia do corpo quando este está em repouso. Em comparação, o cérebro de outros primatas requer apenas 8% de energia em repouso. Os humanos arcaicos pagaram por seu cérebro grande deduzidas maneiras. Em primeiro lugar, passaram mais tempo em busca de comida. Em segundo lugar, seus músculos atrofiaram. Como um governo desviando dinheiro da defesa para a educação, os humanos desviaram energia do bíceps para os neurônios. Dificilmente pensaríamos que essa é uma boa estratégia para a sobrevivência na savana. Um chimpanzé não pode ga-

nhar uma discussão com um *Homo sapiens*, mas pode parti-lo ao meio como uma boneca de pano. (HARARI, 2017, p. 21)

Além desse cérebro que abriria inúmeras possibilidades, a posição ereta também foi positiva na luta pela sobrevivência, pois dava uma melhor visibilidade dos possíveis predadores, além de deixar os braços e as mãos livres, que poderiam ser usadas para uso de ferramentas eficientes contra os animais de grande porte, sempre ameaçadores para os *homo*. Juntamente com a vantagem, essa posição ereta trouxe malefícios para a espécie, que teve que conviver com dores na coluna e rigidez no pescoço, resultados de uma mudança da postura inicial. Para as fêmeas da espécie, essa postura foi ainda responsável por mais mudanças significativas, pois os quadris mais afinados pela postura tornaram-se incompatíveis com o parto de bebês que apresentavam cabeças cada vez maiores. Por esse motivo, os partos humanos passaram a ser mais prematuros, para que fossem mais naturais ao novo perfil corporal de mãe e filho.

Presumimos que um cérebro grande, o uso de ferramentas, uma capacidade superior de aprender e estruturas sociais complexas são vantagens enormes. Parece óbvio que esses atributos tornaram a humanidade o animal mais poderoso da Terra. Mas os humanos desfrutaram de todas essas vantagens por 2 milhões de anos, durante os quais continuaram sendo criaturas fracas e marginais. Assim, humanos que viveram há 1 milhão de anos, apesar de seus cérebros grandes e ferramentas de pedra afiadas, viviam com medo constante de predadores, raramente caçavam animais grandes e subsistiam principalmente coletando plantas, pegando insetos, capturando animais pequenos e comendo a carniça deixada por outros carnívoros mais fortes. (HARARI, 2017, p. 21)

Apesar dessa grande vantagem de usar as mãos para outras atividades, o ser humano ainda vivia com medo dos predadores, mas a prematuridade das crianças humanas trouxe uma vantagem inestimável para a espécie, a necessidade de ajuda da comunidade para a criação dos filhos. Os filhotes de outras espécies não humanas já nascem prontos para uma vida mais independente da mãe, que precisa se ausentar para conseguir comida. Já um filhote humano depende de adultos por um tempo muito maior, fazendo com que a mãe tenha que contar com apoio da sociedade a sua volta para dar conta desse feito. Diante dessa necessidade, a comunidade humana teve que ampliar suas capacidades sociais, por uma questão de sobrevivência. Essa maior interação humana proporcionou condições favoráveis para a superioridade do *homo sapiens* frente aos demais. Já que vimos que não éramos a espécie mais forte, o que nos levou a alcançar status frente as demais espécies?

Qual o segredo do sucesso dos sapiens? Como conseguimos nos instalar tão rapidamente em tantos habitats distantes e tão diversos em termos ecológicos? Como condenamos todas as outras espécies humanas ao esquecimento? Por que nem mesmo os neandertais, fortes, de cérebro grande e resistentes ao frio, conseguiram sobreviver a nosso ataque violento? O debate continua a se alastrar. A resposta mais provável é propriamente aquilo que torna o debate possível: o *Homo sapiens* conquistou o mundo, acima de tudo, graças à sua linguagem única. (HARARI, 2017, p. 32)

O desenvolvimento de uma linguagem complexa foi o diferencial da espécie humana, uma vez que outras espécies também apresentam algum tipo de linguagem, menos interativa e menos complexa. Essa capacidade de criar interações mais específicas permitiu que não só se apresentasse a localização exata de um leão, como também a criação de estruturas interacionais mais eficientes. Nosso crescimento na escala predatória foi rápido e preciso.

A maioria dos pesquisadores acredita que essas conquistas sem precedentes foram produto de uma revolução nas habilidades cognitivas dos sapiens. Eles sustentam que os indivíduos que levaram os neandertais à extinção, que se instalaram na Austrália e que esculpiram o homem-leão de Stadel eram tão inteligentes, criativos e sensíveis como nós. Se nos deparássemos com os artistas da caverna de Stadel, poderíamos aprender a língua deles, e eles, a nossa.

Seríamos capazes de lhes explicar tudo que conhecemos – das aventuras de Alice no País das Maravilhas aos paradoxos da física quântica – e eles poderiam nos ensinar como seu povo concebia o mundo. (HARARI, 2017, p. 36-7)

Mas o *Homo Sapiens* precisou ir além no desenvolvimento de sua linguagem, não bastava apenas conseguir veicular a informação da localização de um predador ou conversar para resolver problemas práticos na da criação dos filhos ou da execução das tarefas da comunidade, eles sentiram necessidade de criar realidades ficcionais que foram o diferencial para a real separação de espécies. Nossa espécie teve a capacidade de transmitir informações sobre coisas que não existem. Até onde sabemos, só os *sapiens* podem falar sobre tipos e mais tipos de entidades que nunca viram, e nunca tiveram contato:

Lendas, mitos, deuses e religiões apareceram pela primeira vez com a Revolução Cognitiva. Antes disso, muitas espécies animais e humanas foram capazes de dizer: “Cuidado! Um leão!”. Graças à Revolução Cognitiva, o *Homo sapiens* adquiriu a capacidade de dizer: “O leão é o espírito guardião da nossa tribo”. Essa capacidade de falar sobre ficções é a característica mais singular da linguagem dos *sapiens*. É relativamente fácil concordar que só o *Homo sapiens* pode falar sobre coisas que não existem de fato e acreditar em

meia dúzia de coisas impossíveis antes do café da manhã. Você nunca convencerá um macaco a lhe dar uma banana prometendo a ele bananas ilimitadas após a morte no céu dos macacos. (HARARI, 2017, p. 40)

A ficção não permitiu apenas a imaginação, ela proporcionou a possibilidade de criar histórias de maneira coletiva, para que ocorra a cooperação de modo versátil e em grande número de pessoas. Os *sapiens* podem cooperar de maneiras muito flexíveis com um número incontável de estranhos. É por isso que os *sapiens* governam o mundo e outras espécies que também cooperam, mas apenas com sua comunidade próxima, não conseguem alcançar esse feito. Além de usar a linguagem para um fim prático, o homem se encantou com ela:

Quando o homem não era mais símio, mas não era ainda completamente humano, ele se maravilhou com a linguagem. Foi por meio dela, naquele tempo talvez limitada a ruídos ainda próximos do grito animal, que, como diz Camões 'suas coisas ausentes se fizeram tão presentes como se nunca passaram'. O que era remoto e perigoso tornou-se familiar e amoldou-se à dimensão humana. Bichos, plantas, rios e montanhas receberam nomes. Foram reproduzidos em desenhos, simbolizados por sons e sinais gráficos. Impressa nos circuitos cerebrais daquele evoluído bípede implume, a capacidade de linguagem completou a transformação: o homem não era mais apenas um ser entre outros seres, mas o ser capaz de simbolizar os outros todos. E, nessa faculdade de simbolização, vinha a possibilidade de conhecimento e de domínio (...) lendas e histórias que contam o poder mágico de certas palavras revivem o fascínio pela linguagem, a intuição de poder que ela nos confere. (LAJOLO, 2018, p. 43-4)

Desde a Revolução Cognitiva, os *sapiens* vivem uma dupla realidade, a objetiva e a imaginada. Com o passar do tempo, a realidade imaginada tornou-se ainda mais poderosa, dependendo dela a existência da realidade objetiva. A história mais bem contada será capaz de convencer o maior número de pessoas, que acabam se tornando colaboradores da criação ou conservação dessa realidade.

O homem, assim, constantemente se faz recordar que os nomes não são as coisas. Mas, no mesmo movimento, percebe que as coisas só existem para ele, homem, quando incorporadas à sua linguagem. E é entre a momentânea certeza de que palavras e coisas constituem uma unidade e a igualmente momentânea angústia de que palavras e seres jamais se interpenetraram que se configura a linguagem. É onde a literatura faz sua morada. (LAJOLO, 2018, p. 46)

Como podemos perceber, a linguagem está impregnada em nós, ela foi capaz de nos tornar o que somos hoje, inclusive vencendo as barreiras predatórias que pareciam impossíveis para o homem pré-histórico. Mais do

que isso, é importante entender como a ficção ajudou a construir o mundo como conhecemos hoje, moldando nossas práticas e interações sociais. Muitas pessoas hoje consideram a ficção como um passatempo que serve apenas para divertir o ser humano, mas a reflexão acima nos mostra que seu papel é muito maior, ela foi responsável, de maneira decisiva, para a sobrevivência da nossa espécie. Além disso, ela permitiu que nos destacássemos nos moldes de vida que conhecemos hoje.

Não se encontrou, até hoje, nenhum povo que não contasse histórias ou que não cantasse, mas cada povo, ou cada grupo, tem um jeito próprio de fazer isso e uma maneira peculiar de apreciar essas produções. Não há obras boas ou ruins em definitivo. O que há são escolhas – e o poder daqueles que as fazem. Literatura não é apenas uma questão de gosto: é uma questão política. (ABREU, 2006, p. 111-12)

Não foi privilégio dos homens primitivos e nem dos gregos ou latinos, a literatura faz parte da existência humana e como tal, é encontrada em todos os povos:

Não foi monopólio da Grécia (...) dar sentido à vida através de diferentes linguagens, uma das quais ficou conhecida como ‘literatura’. Muitos outros povos – a dizer a verdade *todos* os povos- entrelaçaram suas vidas e seus afazeres à música, à dança, à poesia. (LAJOLO, 2018, p. 82)

Os povos indígenas brasileiros também apresentavam suas composições literárias com mestria, como mostra Adet (1998):

(...) esses tupinambás valentes e esforçados, esses tamoiões fortes e robustos, esses caetés indomados e valerosos, esses tupiniquins pacíficos e hospitaleiros que habitavam o Brasil, cujo Deus era Tupã, essa excelência, essa potência espantosa, que lhes falava pelo tupaçununga, que era o trovão; que se lhes revelava pelo tupaberaba, que era o relâmpago; cujo templo eram as majestosas florestas, e que pareciam descender de uma só nação, como prece indicar a língua típica dispersa em seus vários dialetos, elevavam em cima dos povos americanos pela sua imaginação ardente e poética: as encantadoras cenas, que em quadros portentosos oferece a natureza em todos os sítios, os inspirava, e de povos rudes e bárbaros faziam-nos povos poetas. (ADET, 1998, p. 197)

Dessa maneira, precisamos, mais uma vez, destacar a importância da linguagem e, principalmente, da criação de ficção como uma necessidade vital do ser humano. Muito além de divertir, os textos ficcionais, orais ou escritos, são responsáveis pela formação do homem como hoje conhecemos. Não podemos, então, delegar um lugar coadjuvante para nossa complexidade comunicativa, precisamos ventilar, a partir das reflexões feitas, que a linguagem e a existência dos textos ficcionais ajudaram na formação

do ser humano e devem continuar auxiliando nesse processo evolutivo. Renegar o texto ficcional seria renegar nossa própria humanidade e os modos como ela foi construída.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Unesp, 2006.

ADET, Emílio; SILVA, Joaquim Norberto de Souza e. Introdução sobre a literatura nacional. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1998.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2017.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Unesp, 2018.